

# Cidades Analíticas

Acelerar o desenvolvimento  
das cidades inteligentes em Portugal

## Urban Analytics

Accelerating the development  
of smart cities in Portugal



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DO AMBIENTE,  
ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E ENERGIA



## Publication Data

### Title

Urban Analytics

Accelerating the development of smart cities in Portugal

Communications presented at the International Conference and regional workshops, held under the initiative “Urban Analytics” - March and April 2015

### Date of publication

September 2015

### Published by

Directorate-General for Territorial Development

Rua Artilharia Um, n.º 107, 1099-052 Lisboa, Portugal

[www.dgterritorio.pt](http://www.dgterritorio.pt)

[geral@dgterritorio.pt](mailto:geral@dgterritorio.pt)

### Translation support

Secretary-General Ministry of Environment, Spatial Planning and Energy

### Revision

Directorate-General for Territorial Development

### Design

UP Agência de publicidade

[www.UP.co.pt](http://www.UP.co.pt)

### Digital Edition

ISBN 978-989-8785-02-2

© 2015 Directorate-General for Territorial Development

All rights reserved according to law.

Authors are fully responsible for articles content.

## Ficha Técnica

### Título

Cidades Analíticas

Acelerar o desenvolvimento das cidades inteligentes em Portugal

Compilação de comunicações apresentadas na Conferência Internacional e nos Workshops regionais, realizados no âmbito da iniciativa “Cidades Analíticas” – março e abril de 2015

### Data da edição

Setembro 2015

### Entidade responsável pela edição

Direção-Geral do Território

Rua Artilharia Um, n.º 107, 1099-052 Lisboa, Portugal

[www.dgterritorio.pt](http://www.dgterritorio.pt)

[geral@dgterritorio.pt](mailto:geral@dgterritorio.pt)

### Apoio na tradução de textos

Secretaria-Geral do MAOTE

### Revisão de textos e de provas

Direção-Geral do Território

### Design

UP Agência de publicidade

[www.UP.co.pt](http://www.UP.co.pt)

### Edição Digital

ISBN 978-989-8785-02-2

© 2015 Direção-Geral do Território

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

O conteúdo dos artigos incluídos nesta publicação é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# Living the rural way of life in the surrounding of cities

**Carlos Cupeto**  
**Sofia Santos**  
**University of Évora**

The great majority of the Earth population lives in cities. In Europe it is estimated to be about 80% of population, and the global trend is the same. Linking this reality to the estimation that we will be ten billion in 2050, represents a big challenge. We live in a crowded planet in a context of demographic explosion. All can be summarized to a simple question: how to live?

In Portugal this challenge also exists and is closely associated with the concentration of population along the coast line, leaving the interior of the country depopulated. Portugal has however a very different context from many European countries: the territory has a low density and is qualified with excellent infrastructure, having a significant geo-biodiversity. However, currently there is a division between urban and rural areas due to their characteristics. However, does it make sense to separate the city from the countryside? Does anyone living in our small towns ignore the countryside? Is there any significant economic activity that is independent from the countryside?

In fact, this national natural symbiosis between the countryside and the city, coupled with our unique and odd biodiversity translates into a great advantage over the equation of sustainability and quality of life. We must thus structure a development model and offer a product that promotes the natural, built and ethnographic/cultural heritage we have at the local level. This model should be based on the natural capital we have, and that has been ignored. This strategic choice, based on the principles of the green economy, translates itself into a more disruptive business one where wealth production processes integrate the natural cycles with the productive ones. The recognition of the importance of the value of nature by economists, politicians and the technical, scientific and civil community distant from environmental issues, has led to an increase of valuation studies of ecosystem services, environmental goods and public goods of nature. Tourism agents recognize the importance of having a landscape or a natural park on their doorstep; farmers know how precious bees are; water supply services management companies confirm the importance of forests in river basins or in an aquifer system; firefighters attest to the importance of maintaining farming and grazing in the regulation of fires. Like it or not, cities are not

apart. How would the water supply of Lisbon be if the interior pinewood forest ceases to have its function in the upper basin of river Zêzere? And how would the air quality be if Monsanto did not exist?

For all this, and more, it might be more appropriate and certain to have *“analytical territories”* rather than *analytical cities*. And to write: *“...innovative and sustainably durable solutions that use technology to promote the ecosystems and their services, allowing residents and visitors an intelligent experience in harmony with nature, taking advantage of the gains that the natural environment provides us...”*; instead of *“...solutions, ideas and innovative projects within urban analytical and smart cities by encouraging the creation and use of advanced data processing tools, such as support to urban management and decision-making...”*.



**FIG. 1 - OUR TERRITORY HAS LONG PAST AND SO HAS MUCH OF A FUTURE: LOCAL RESOURCES, NEW TECHNOLOGY, INNOVATING TRADITION.**

# Viver o espaço rural na envolvente das cidades

**Carlos Cupeto**

**Sofia Santos**

**Universidade de Évora**

A grande maioria da população da Terra vive em cidades. Na Europa estima-se que sejam cerca de 80%, a tendência mundial é igual. Associar esta realidade à estimativa de que seremos dez mil milhões em 2050 coloca-nos um grande desafio. Vivemos num planeta sobrelotado num contexto de explosão demográfica. Tudo se pode resumir a uma simples pergunta: como viver?

Em Portugal este desafio também existe, estando muito associado à litoralização, ou seja, ao facto de termos fortes aglomerados populacionais no litoral, deixando o interior despovoado. Portugal apresenta no entanto um contexto bastante diferente do de muitos países europeus: o território tem uma baixa densidade, sendo qualificado com excelentes infraestruturas, e possuindo uma enorme geobiodiversidade. No entanto, atualmente existe como que uma divisão entre as áreas urbanas e rurais decorrente das suas características. No

entanto, faz sentido separar a cidade do campo? Alguém que viva nas nossas pequenas cidades ignora o campo? Existe alguma atividade económica significativa que seja independente do campo?

Na verdade, esta natural simbiose nacional entre o campo e a cidade, aliada à nossa única e ímpar biodiversidade traduz-se numa grande vantagem perante a equação da sustentabilidade e da qualidade de vida. Devemos assim estruturar um modelo de desenvolvimento e oferecer um produto que promova o imenso património natural, construído e etnográfico/cultural que temos à escala local. Este modelo deve assentar sobre o capital natural que possuímos, e que tem vindo a ser ignorado. Esta opção estratégica, assente nos princípios da economia verde, traduz-se em negócios mais disruptivos e onde os processos de produção de riqueza integram os ciclos naturais com os produtivos. O reconhecimento da importância do valor da natureza por economistas, políticos, e pela comunidade técnica, científica e civil mais afastada dos temas ambientais, tem conduzido a um crescimento dos estudos de valoração dos serviços dos ecossistemas, dos produtos ambientais e dos bens públicos da natureza. Os agentes turísticos reconhecem a importância de ter uma paisagem, ou um parque natural às suas portas; o agricultor sabe bem quão preciosas são as abelhas; as empresas gestoras dos serviços de abastecimento de água confirmam a importância das florestas nas bacias hidrográficas ou num sistema aquífero; os bombeiros atestam a importância da manutenção da agricultura e do pastoreio na regulação dos incêndios. Queira-se ou não, as cidades não estão à parte. Como seria o abastecimento de água à grande Lisboa se o pinhal interior deixasse de ter a sua função na parte alta da bacia do Zêzere? E como seria a qualidade do ar se não existisse Monsanto?

Por tudo isto, e muito mais, talvez fosse mais adequado e certo termos *território analítico* em vez de *cidades analíticas*. E escrever: “... *soluções inovadoras e sustentavelmente duradouras que utilizam as tecnologias para promover os ecossistemas e os seus serviços, permitindo aos habitantes e visitantes uma vivência inteligente em harmonia com a natureza usufruindo das mais-valias que o meio natural nos proporciona...*”; em vez de, “... *soluções, ideias e projetos inovadores no âmbito da analítica urbana e das cidades inteligentes, incentivando à criação e uso de ferramentas avançadas de processamento de dados, como suporte à gestão urbana e à tomada de decisão...*”.



FIG. 1 - O NOSSO TERRITÓRIO TEM MUITO PASSADO E POR ISSO TEM MUITO FUTURO: RECURSOS LOCAIS, TECNOLOGIA ATUAL, INOVAR A TRADIÇÃO.